

# PENSAR O ENSAIO E A FICÇÃO COMO INTERMITÊNCIAS UTÓPICAS (OU DA DERIVA POÉTICA EM JEAN-JACQUES ROUSSEAU)

ESSAY AND FICTION AS UTOPIC INTERMITTENCIES  
(OR THE DERIVATIVES OF POETRY IN JEAN-JACQUES ROUSSEAU)

*Marta Teixeira Anacleto*

Centro de Literatura Portuguesa

Universidade de Coimbra

## RESUMO

Pretende-se, neste artigo, pensar a ficção através do ensaio e o ensaio através da ficção, partindo do macrotexto de Jean-Jacques Rousseau e das complexas confluências criadas entre textos políticos, textos filosóficos, textos autobiográficos e ficcionais/epistolares. Do confronto dessas diversas modalidades de escrita, e do modo experimental (utópico) como dialogam formal e ideologicamente entre si, decorre uma interrogação sobre os conceitos de intermitência/intervalo/fronteira, convocados na teoria do ensaio e na teoria da ficção, de Montaigne a Rousseau, de ambos à contemporaneidade.

*Palavras-chave:* ficção, ensaio, Rousseau, fronteira, utopia

## ABSTRACT

In this article, I propose to approach fiction through the essay and the essay through fiction, taking as my point of departure Jean-Jacques Rousseau's macrotext and the complex convergences between political, philosophical, autobiographical and fictional/epistolary texts. From the analysis side-by-side of these different modes of writing, and the experimental (utopian) mode through which they dialog formally and ideologically, I proceed to

examine the concepts of intermittences/intervals/borders, set forth by the theories of essay and fictional writing, from Montaigne to Rousseau, and to the current day.

*Keywords:* fiction, essay, Rousseau, borders, utopia

#### 0. *AVANT-PROPOS*

O enquadramento desta reflexão sobre Ensaio e Ficção, a partir de Jean-Jacques Rousseau, decorre fundamentalmente do reconhecimento de que uma das dádivas óbvias que colhi das múltiplas conversas com o Doutor Carlos Reis (como Professor, como Colega, como Amigo) foi/é a motivação para o alargamento do pensamento crítico e a ousadia de explorar, com a consistência teórica devida, as leituras que vão preenchendo o meu percurso académico e pessoal. Histórias de cruzamentos intelectuais, por conseguinte, e de um gosto essencial pela Literatura, pela escrita sobre a Literatura, de que o texto que se seguirá pretende ser testemunho em esboço.

#### 1. DAS INTERMITÊNCIAS

A legitimidade de pensar o ensaio e a ficção, a partir do argumento da experimentação da escrita ou da deriva poética (e utópica) em Jean-Jacques Rousseau, decorre do estímulo das interrogações constantes que a leitura progressiva dos textos ficcionais do filósofo suscita e da hipótese teórica de que essa inquietude se pode vir a cruzar com a própria ontologia do ensaio, isto é, com a articulação particular de uma escrita e de uma epistemologia associada a um movimento de *intermitência* (Langlet, 2016). Parece, assim, oportuno convocar a imagem do lugar de passagem enunciada pelo próprio Montaigne no início do Capítulo II do Livro III dos *Essais* – “Je ne peinds pas l'estre. Je peints le passage” (Montaigne, 1962: 782) – para evocar um

outro lugar – o lugar de *encontro* entre Montaigne e Rousseau –, na perspectiva de delinear o tempo do ensaio como um percurso de uma forma, instituído pelos *Essais*, em hipotética confluência com o processo de subjetivação artística e filosófica, que, antes do Romantismo, marca o imaginário pessoal e ficcional de Jean-Jacques. Marielle Macé observa, aliás, no seu livro seminal sobre a temporalidade do ensaio em França, no século XX (Macé, 2006), que Rousseau segue o exemplo enunciativo de Montaigne, nos textos autobiográficos, oferecendo a sua subjetividade como conteúdo, espaço de experimentação e forma de discurso. Assim, a aproximação histórica e estética a Rousseau processa-se, desde logo, pela forma *oblíqua* através da qual Montaigne define o seu texto,<sup>1</sup> ou seja, pela oscilação entre a ideia e o sujeito, visível na produção eclética de Jean-Jacques (tratados, cartas ensaísticas, textos autobiográficos, ficção), antecipada no Prefácio ao Leitor de 1588, dos *Ensaïos*: “Ainsi, lecteur, je suis moy-mesme la matiere de mon livre: ce n’est pas raison que tu employes ton loisir en un subject si frivole et si vain.” (Montaigne, 1962: 9).

Para os dois autores, aliás, a frivolidade do assunto – que se traduz, teoricamente, em processos de hibridação relacionados com o livre discurso reflexivo que caracteriza a forma –,<sup>2</sup> o caráter vão da matéria dos livros, pressupõe subliminarmente um método de experimentação constante, de prática da intermitência (e nesse método, a intervenção da ficção). Nesse sentido, a linha de pensamento que se constrói de Montaigne a Rousseau (e que, depois, tem continuidade em Gide, Valéry, Camus) parte da enunciação dessa fragilidade

1 “Je sçay bien, quand j’oy quelqu’un qui s’arreste au langage des *Essais*, que j’aymeroy mieux qu’il s’en teust. Ce n’est pas tant eslever les mots, comme c’est deprimer le sens, d’autant plus picquamment que plus obliquement.” (Montaigne, 1962: 245).

2 Aullón de Haro sublinha justamente, na sua teoria sobre o ensaio, a hibridação flutuante e permanente da forma, aliada ao livre discurso reflexivo (Aullón de Haro, 1992: 22).

ou fragmentação formal para chegar, através das próprias condições criadas na/pela escrita, a uma totalidade ou utopia que integra, sem que o paradoxo se esgote, a epistemologia do ensaio e a cruza com a da ficção. Irène Langlet nota, justamente, que a argumentação oblíqua do ensaio exige do leitor uma atitude intelectual original e utópica que está na origem de todas as suas variantes – ensaio literário, ensaio pessoal, ensaio crítico, ensaio filosófico e, no limite, ficção (Langlet, 2005).

Parece, pois, ser legítimo pensar as clivagens, confluências (e intermitências) epistemológicas que se erguem entre ensaio e ficção, tendo como pretexto argumentativo a deriva poética e ficcional que conduz Rousseau, hipotético ensaísta-romancista situado entre Montaigne e Valéry, a combinar quase obsessivamente as diferentes escritas que pratica nos diferentes textos (tratados, autobiografia, romance), assumindo, aí também, o paradoxo que confessa caracterizá-lo, em *Emile*: “Lecteurs vulgaires, pardonnez-moi mes paradoxes: il en faut faire quand on réfléchit; et, quoi que vous puissiez dire, j’aime mieux être homme à paradoxes qu’homme à préjugés.” (Rousseau, 2002: 59).

Nesse sentido, são acolhidas, nesta reflexão, na esteira da lógica do paradoxo evocado em *Émile*, duas ordens de experimentação que se perspetivam sob a forma de intermitências estéticas – ou de lugares “entre-deux” –,<sup>3</sup> no percurso ontológico da escrita de Rousseau: o da intermitência entre o espaço filosófico e o espaço da ficção; o da intermitência entre a autobiografia e o princípio romanesco. Do cruzamento dessas intermitências resulta porventura a constante procura de uma unidade primordial da poética, do poético, que cen-

3 O conceito “l’entre-deux” é formulado por Irène Langlet e manifesta-se como contradição inaugural do ensaio (Langlet, 2005: 183).

traliza, em última instância, a atitude utópica da escrita e da leitura ensaísticas, da escrita e da leitura ficcionais.

## 2. DA INTERMITÊNCIA ENTRE O ESPAÇO FILOSÓFICO E O ESPAÇO DA FICÇÃO

O valor da intermitência entre o espaço filosófico e o espaço da ficção encontra-se, desde logo, plasmado num excerto retirado da abertura paratextual das *Confessions*, onde Rousseau sublinha a matéria fundamental do seu livro íntimo: trata-se de “un ouvrage unique et utile, lequel peut servir de première pièce de comparaison pour l’étude des hommes” (Rousseau, 2004a: 31). O confronto do sujeito da escrita com o mundo fica, desde logo, associado a uma confissão prévia que estabelece a mediação entre os textos de intervenção ideológica, como tratados e discursos, inscritos implicitamente em muitos momentos das *Confessions* – *Du Contrat Social*, *Emile ou de l’Éducation*, *Discours sur l’origine et les fondements de l’inégalité parmi les hommes*, *Discours sur les Sciences et les Arts* – e a ficção romanesca que prolonga, em *La Nouvelle Héloïse* ou, de modo epigonal, nas *Réveries du Promeneur Solitaire*, a construção do sujeito poético.

O espaço de “entre-deux” formula-se, assim, em primeira instância, numa progressão do conhecimento (uma prova de maturação do “eu”) que projeta os princípios definidos nos textos filosóficos no âmbito da ficção, como se esta expandisse os conteúdos e os convertesse em ideologia autorreflexiva. Os prefácios desses textos de intervenção política e ideológica apontam, aliás, de forma subliminar, para uma assimilação da escrita frívola e vã de Montaigne, para a tentação do fragmento ou da obra informe e natural (“d’après nature”), enquanto modelo formal de construção aparentemente heteróclita (ou errante) do pensamento, tal como fica dito no “Avertissement” de *Du Contrat Social*:

Ce petit traité est extrait d'un ouvrage plus étendu, entrepris autrefois sans avoir consulté mes forces, et abandonné depuis longtemps. Des divers morceaux qu'on pouvait tirer de ce qui était fait, celui-ci est le plus considérable, et m'a paru le moins indigne d'être offert au public. Le reste n'est déjà plus (Rousseau, 2004b: 171).

A percepção de que os tratados ou discursos sustentam o princípio formal (e moderno) da obra aberta, coincidente, de algum modo, com a escrita ensaística, é, não só adequada à matéria tratada, como também permite a sua expansão para a ficção, justificando-se, nessa passagem (ou nessa confluência), um “entendimento” suportado pela mediação dos universos construídos pela escrita. Aliás, a crítica recente tem insistido sobre uma certa disseminação do ficcional e do real<sup>4</sup> que permite o cruzamento dos discursos, dos enunciadores, não se opondo mais o ensaio à ficção, como fica justamente ilustrado no espaço prefacial do texto político de Rousseau. Tal intervalo de valores ou intermitência torna-se ainda mais perceptível se aproximarmos as instâncias paratextuais dos discursos e tratados filosóficos ao prefácio de *Julie ou La Nouvelle Héloïse*, vasto romance epistolar das *Lumières* e de Rousseau, publicado em 1761, entendido como a grande síntese do ideário do autor, cuja elaboração foi concomitante com a das *Confessions*, *Emile* e *Du Contrat Social*. Na realidade, no primeiro prefácio do romance, o autor mostra como, de um ponto de vista ético (que se torna também estético), são ténues as fronteiras entre a ficção e a realidade, sobretudo quando o que está em causa é a autentificação da escrita de um solitário (porventura de um ensaísta)

4 Tal é a perspectiva de Françoise Lavocat, em *Fait et Fiction*, ao analisar, convocando diversas teorias fundacionais dos Estudos Narrativos, o lugar da fronteira entre facto e ficção, as contradições do movimento de passagem de um mundo para o outro, “mundos possíveis impossíveis” (Lavocat, 2016).

que divaga, através da escrita ficcional das suas personagens-narradores, sobre a paixão, a virtude, a felicidade, a espiritualidade, a pedagogia, a economia política:

Il faut des spectacles dans les grandes villes, et des romans aux peuples corrompus. J'ai vu les mœurs de mon temps, et j'ai publié ces lettres. (...) Quoique je ne porte ici que le titre d'éditeur, j'ai travaillé moi-même à ce livre, et je ne m'en cache pas. Ai-je fait le tout, et la correspondance entière est-elle une fiction? Gens du monde, que vous importe? C'est sûrement une fiction pour vous. (...) Quant à la vérité des faits, je déclare qu'ayant été plusieurs fois dans le pays des deux amants, je n'y ai jamais ouï parler du baron d'Etange, ni de sa fille, ni de M. d'Orbe, ni de milord Edouard Bomston, ni de M. de Wolmar. (...) Ce livre n'est point fait pour circuler dans le monde, et convient à très peu de lecteurs. Le style rebutera les gens de goût; la matière alarmera les gens sévères; tous les sentiments seront hors de la nature pour ceux qui ne croient pas à la vertu. Il doit déplaire aux dévots, aux libertins, aux philosophes; il doit choquer les femmes galantes, et scandaliser les honnêtes femmes. A qui plaira-t-il donc? Peut-être à moi seul; mais à coup sûr il ne plaira médiocrement à personne. (Rousseau, 1967: 3)

As hesitações espelhadas no texto, relativas à ontologia da ficção, a fixação de um público muito restrito, coincidente com o da autobiografia, legitimam a tentativa de criar uma nova linguagem, uma linguagem utópica que promove, pela polifonia das vozes enunciativas – vozes de ficção, porventura alter-egos da voz ensaística da autobiografia e discursos –, o confronto de pontos de vista, o trabalho de expansão das reflexões filosóficas, num espaço criativo que se situa para além dos discursos ou tratados, como se a ficção fosse um *lugar* de experimentação contínua, acolhendo a alma expansiva de Jean-Jacques e dos correspondentes imaginários que recria. Afirma,

aliás, nas *Confessions*, que a ficção, em *Julie*, é um meio de evasão excecional, forma de comunicação original entre as sensibilidades.<sup>5</sup> Reconhecendo a inexistência real das personagens que compõe o núcleo de narradores desse vasto romance epistolar, o autor explica, num segundo prefácio – “Préface de Julie ou entretien sur les romans” (Rousseau, 1967: 571-586) –, colocado no final do volume, como o ritmo do tempo interior que marca a relação amorosa de Julie e Saint-Preux, fio-condutor da intriga romanesca, ficaria incompleto sem a introdução das reflexões sobre a ópera e o teatro, a sociedade parisiense, a economia doméstica, as incursões políticas, reflexos ensaísticos de *Emile* e de *Du Contrat Social*.

Será, assim, legítimo conceber, num projeto ficcional de uma obra total<sup>6</sup> como *Julie*, no contexto de um efeito de mediação situado entre a filosofia e a criação poética, o desenvolvimento subliminar de princípios anunciados nos discursos, nos tratados, como se o lugar de encontro do pensamento fosse anterior e simultâneo ao da ficção. Trata-se, de facto, antes de mais, da transformação implícita de uma relação cronológica entre os textos, assinalada nas *Confessions*, em uma relação de género e de ideologia: “Tout ce qu’il y a de hardi dans le *Contrat social* était auparavant dans le *Discours sur l’Inégalité*; tout ce qu’il y a de hardi dans l’*Émile* était auparavant dans la *Julie*.” (Rousseau, 2004: 493-494).

Deste modo, o diálogo formal entre os tratados, entendidos, pelo próprio autor, como fragmentos (isto é, momentos pontuais e *informes* de reflexão filosófica – veja-se *infra* o “Avertissement” do

5 “Il est certain que j’écrivis ce roman dans les plus brûlantes extases : mais on se trompait en pensant qu’il avait fallu des objets réels pour les produire; on était loin de concevoir à quel point je puis m’enflammer pour des êtres imaginaires. ” (Rousseau, 2004a: 652).

6 Aullón de Haro considera a ideia de “obra total” marca preferencial do ensaio (Aullón de Haro, 1992: 28).



*Contrat*), implica uma reflexão de Rousseau sobre a natureza do seu estatuto de escritor e da sua escrita – uma escrita política pensada no quadro da epistemologia filosófica (e por conseguinte, com traços de errância ensaística),<sup>7</sup> ficando latente a perspectiva de que a totalidade do pensamento se venha a projetar (a “distender”) no universo da ficção. Nesse sentido, tópicos como a interrogação filosófica sobre a origem e fundamentos da desigualdade moral e material dos homens (antecipando o ideário afetivo da Revolução Francesa), ou como a defesa da igualdade entre os homens, do homem natural, do mito do “enfant de la nature”, presente na formação de *Émile*, ou, ainda, tópicos como o cruzamento entre pedagogia e política, viagens e leituras cívicas, correspondem a divagações sobre modelos políticos e sociais que tendem a expandir o seu significado (a significar *de outro modo*) na escrita utópica da ficção. Na base desse *entendimento*, desse *pacto*, encontram-se os próprios conceitos de “ficção” e de “quimera”, pensados, das *Confessions* às *Rêveries du promeneur solitaire*, como uma forma outra de refletir sobre o mal social e de atingir um ideal moral de sociedade.

Percebe-se esta *passagem* (para regressar a Montaigne) de um pensamento filosófico para uma ficção epistolar como *La Nouvelle Héloïse* (hipotético conjunto de cartas de dois amantes que habitavam os Alpes, também hipoteticamente editadas por Rousseau), na medida em que o autor concebe a obra como a síntese da sua própria consciência, o meio privilegiado de exprimir, de forma total, o seu pensamento, através da polifonia da escrita e dos sentidos inerente

7 Veja-se o que afirma Rousseau no início do prefácio do *Discours sur l'origine et les fondements de l'inégalité parmi les hommes*: “Aussi je regarde le sujet de ce Discours comme une des questions les plus intéressantes que la philosophie puisse proposer, et malheureusement pour nous comme une des plus épineuses que les philosophes puissent résoudre. ” (Rousseau, 1996: 69).

aos diferentes correspondentes imaginados (sensibilidades paralelas às do autor dos tratados, discursos e confissões).<sup>8</sup> A fixação de escritas e ideias centraliza-se, então, ora no trabalho utópico do perfil das personagens (Julie, Saint-Preux, amantes “sensíveis” cuja existência oscila entre o ímpeto passional e a virtude; Milord Édouard e Wolmar, observadores do mundo, filósofos cosmopolitas, encarnando o racionalismo cético das Luzes); ora em espaços simbólicos, “petites sociétés” que, na sua forma insular, recuperam mitos sociais enunciados teoricamente nos discursos e tratados, para os aproximar do lirismo (ou enfraquecimento narrativo) que também o ensaio acaba por integrar na sua epistemologia. Dito de outro modo, o desejo expresso por Rousseau, nas *Confessions*, de integrar, em *Julie*, dissertações de moral, pedagogia, economia política, meditações sobre a virtude, a espiritualidade, a felicidade, isto é, a totalidade do mundo contemporâneo, a condição histórica e metafísica do homem, torna-se viável pela própria essência da ficção ou das “quimeras”, pela possibilidade de refletir, num longo texto romanesco, imagens constantes de si mesmo e da sua filosofia existencial:

L'impossibilité d'atteindre aux êtres réels me jeta dans le pays des chimères, et ne voyant rien d'existant qui fût digne de mon délire, je le nourris dans un monde idéal, que mon imagination créatrice eut bientôt peuplé d'êtres selon mon cœur. Jamais cette ressource ne vint plus à propos, et ne se trouva si féconde. (Rousseau, 2004a: 517)

Os tons ensaístico e idealista que a crítica observa no longo romance epistolar decorrem, por conseguinte, também, da necessi-

8 Ver, a este propósito, os ensaios dedicados a Rousseau e à sua escrita romanesca por Jean Starobinski (Starobinski, 1976), Marc Eigeldinger (Eigeldinger, 2000), François Rosset (Rosset *et al.*, 2002), entre outros.

dade imagética de criar sociedades artificiais, mundos da duração e da permanência, como Valais ou Clarens,<sup>9</sup> reflexos ficcionais da lógica política da sociedade ideal projetada em *Emile* ou *Du Contrat Social*. Considerados símbolos da “soberana utopia das Luzes” (Wagner, 1996: 190), Valais e Clarens representam lugares fictícios onde a felicidade das “belles âmes” assenta em princípios de igualdade social – a “concorde entre les égaux” e a “libéralité des maîtres” a “douce égalité” –, de hospitalidade, de conquista de uma felicidade simples, cuja fragilidade aflora, contudo, quando o confronto com o real (mesmo com o real emocional) se torna inevitável, dentro da ficção: “Hélas! j'étais heureux dans mes chimères: mon bonheur fuit avec elles; que vais-je être en réalité?” (Rousseau, 1967: 49) – exclama Saint-Preux, no final da carta 23 da Parte I, onde descreve a Julie a paisagem e sociedade utópica de Valais, e se confronta com a impossibilidade visceral de continuar a ignorar a realidade (a sua realidade interior, a interdição social da paixão), mesmo no país das quimeras.

A ficção-imaginação regressa, então, inevitavelmente (seguindo, uma vez mais, a lógica da escrita ensaística) à esfera do individual e do privado, da “parábola íntima” (Macé, 2006: 44), descentrando a utopia comunitária para o fragmento lírico (da personagem-escritor epistolar). Neste sentido, parece legítimo convocar, como corolário desta argumentação oblíqua que projeta metaforicamente Montaigne em Rousseau, que interseta a escrita dos *Essais* com a dialética interior que caracteriza a escrita epistolar, uma outra argumentação que

9 “Milord, que c'est un spectacle agréable et touchant que celui d'une maison simple et bien réglée où règnent l'ordre, la paix, l'innocence; où l'on voit réuni sans appareil, sans éclat, tout ce qui répond à la véritable destination de l'homme ! (...) J'y mène une vie de mon goût, j'y trouve une société selon mon cœur. (...) je veux vous en donner l'idée par le détail d'une économie domestique qui annonce la félicité des maîtres de la maison, et la fait partager à ceux qui l'habitent. ” (Rousseau, 1967: 329-330).

com esta dialoga de forma inevitável, na procura final de uma unidade poética (ou na poética): a intermitência entre a autobiografia e o princípio romanesco.

### 3. DA INTERMITÊNCIA ENTRE A AUTOBIOGRAFIA E O PRINCÍPIO ROMANESCO

O “argumento pessoal” que é signo pertinente do ensaio, como género (Chadbourne, 1983: 140), centraliza-se, assim, em Jean-Jacques Rousseau, nesse desejo que o autor mostra em se retratar e se conhecer, conhecer o mundo, projetando a autobiografia na ficção, projetando-se nas suas personagens e no espaço imaginado, sem deixar de ter consciência de que um *puzzle* complexo (à imagem do tema e sujeito “ondoyant” dos *Essais* Montaigne)<sup>10</sup> se constrói no próprio movimento e temporalidade da escrita. Não só se torna inviável, do ponto de vista ontológico e estético, atingir essa experimentação de modo constante e uniforme –Montaigne *dixit* –, como também é disso reveladora a opção de Rousseau pela forma epistolar, cuja oscilação entre tentação lírica e tentação romanesca<sup>11</sup> prolonga a escrita ondulante, sinuosa, dos *Essais*. A célebre epígrafe das *Confessions*,<sup>12</sup> mostra esse desejo de realismo do “eu” de que parte o autor para uma escrita autobiográfica, “uma espécie de caderno” em que o “eu” se

10 “Certes, c’est un subject merveilleusement vain, divers et ondoyant, que l’homme. Il est malaisé d’y fonder jugement constant et uniforme. ” (Montaigne, 1962: 13).

11 Ver, a propósito da essência do romance epistolar e da epistolaridade em *La Nouvelle Héloïse*, a obra fundamental de Laurent Versini (Versini, 1979).

12 “Voici le seul portrait d’homme, peint exactement d’après nature et dans toute sa vérité, qui existe et qui probablement existera jamais. Qui que vous soyez, que ma destinée ou ma confiance ont fait l’arbitre du sort de ce cahier, je vous conjure par mes malheurs, par vos entrailles, et au nom de toute l’espèce humaine, de ne pas anéantir un ouvrage unique et utile, lequel peut servir de première pièce de comparaison pour l’étude des hommes (...).” (Rousseau, 2004a: 31).

torna exercício de si próprio e motivo de expansão do pensamento no “estudo dos homens”, numa temporalidade que esbate valores de cronologia perante a expansão da consciência e a emoção literária (e poética). Do mesmo modo, o editor/autor de *La Nouvelle Héloïse*, escreve uma nota no final do romance – “Note de Rousseau” –,<sup>13</sup> realçando que, apesar de a “recolha” não ostentar grandes peripécias e se pautar por um “faible intérêt” narrativo, interessará seguramente ao “lecteur d’un bon naturel” e interessa, sem dúvida, ao próprio editor/escritor/leitor.

A imagem de um universo romanesco instável (já referido a propósito de Clarens), a imagem de um “eu” em mutação na relação a que se expõe com o mundo – à semelhança da escrita em mutação nos tratados, discursos, autobiografia, romance – parece ser convincente para perceber a experimentação contínua a que o autor se expõe e expõe nos seus textos. Pense-se, a este propósito, na expressiva fusão que, no Livro IX das *Confessions*, o autor estabelece entre Mme d’Houdetot – a sua grande paixão – e Julie, ser de ficção, o “ídolo do seu coração”:

Elle vint; je la vis; j’étais ivre d’amour sans objet; cette ivresse fascina mes yeux, cet objet se fixa sur elle; je vis ma Julie en M<sup>me</sup> d’Houdetot, et bientôt je ne vis plus que M<sup>me</sup> d’Houdetot, mais revêtue de toutes les perfections dont je venais d’orner l’idole de mon cœur. (Rousseau, 2004a: 531)

Deste modo, as personagens que integram o círculo epistolar de *Julie* são perfis “ornamentados” de acordo com o “eu” de Rousseau, “âmes sensibles”, “êtres selon mon/son cœur”, capazes de fazer

13 “En achevant de relire ce recueil, je crois voir pourquoi l’intérêt tout faible qu’il est, m’en est si agréable, et le sera, je pense, à tout lecteur d’un bon naturel (...).” (Rousseau, 1967: 568).

coincidir a escrita da alma com a escrita do romance (das cartas do romance), tornando, de algum modo, o texto de ficção, num texto autobiográfico e, no limite, ensaístico. Julie e Saint-Preux, personagens de ficção, assimilam o idealismo de Rousseau e o desejo singular de equilíbrio social, enunciado nos discursos e tratados, a ponto de a troca epistolar se aproximar de um diário íntimo ficcionalizado, feito de elipses, silêncios, emoções dramatizadas numa nova retórica onde se integra a utopia como périplo interior e exterior das personagens.<sup>14</sup> Saint-Preux, narrador autobiográfico, não deixa de o sublinhar no início da descrição alpina de Valais, antes mesmo de recortar os elementos líricos desse espaço já romântico ou de anotar os traços utópicos da sociedade que o acolhe:

Je ne vous ferai point ici un détail de mon voyage et de mes remarques (...). Je me contenterai de vous parler de la situation de mon âme (...). J'étais parti, triste de mes peines et consolé de votre joie; ce qui me tenait dans un certain état de langueur qui n'est pas sans charme pour un cœur sensible. (Rousseau, 1967: 43-44).

A escrita coloca em espelho o próprio sujeito, a sua memória afetiva,<sup>15</sup> a sua experiência e experimentação do mundo, gerando-se um jogo particularmente interessante entre o espaço da interioridade (“La situation de mon âme”) – uma interioridade fragmentada – e a sua re-composição no espaço romanesco, através da sociedade utópica descrita que, como já ficou dito, não escapa à ambiguidade moral

14 Consultar, a este propósito, o ensaio mais abrangente de Jean-Michel Racault dedicado às utopias literárias francesas dos séculos XVII e XVIII (Racault, 2003), bem como a obra que A. Hatzenberger consagra à utopia em Rousseau (Hatzenberger, 2012).

15 Neste contexto, é importante convocar reflexões que associam, em Rousseau e na sua escrita autobiográfica, a memória e a utopia, nomeadamente a de Jean-François Perrin (2014).

das personagens que a integram. Na realidade, Saint-Preux e Julie apresentam-se gradualmente como a escrita da alma de Rousseau no universo romanesco, manifestando, à medida em que o romance se vai distendendo em seis longas partes, uma insatisfação interior que é a do próprio autor, ora nas *Confessions*, ora no texto epigonal das *Rêveries du Promeneur solitaire*. A construção ficcional permite, deste modo, através do recorte subjetivo dos correspondentes epistolares, através da assimilação do fragmento lírico à totalidade romanesca, desenvolver a consciência da degradação das coisas humanas e da necessidade de uma depuração espiritual dos seres: “Je ne vois partout que sujets de contentement, et je ne suis pas content; une langueur secrète s'insinue au fond de mon coeur (...) Mon ami [revela Julie a Saint-Preux, no final do romance], je suis trop heureuse; le bonheur m'ennuie.” (Rousseau, 1967: 528).

Nessa medida, num longo romance que implica a duração (uma duração não cronológica, ao invés da autobiografia), Rousseau mostra que a síntese expressiva das dissertações disseminadas pelas suas obras políticas, não se atinge apenas nos falanstérios ou “petites sociétés” de Valais e Clarens, mas num não-lugar espiritual – o do seu Deus pessoal, o do Deus pessoal de Julie ou “l'être éternel” – que parece ser o fundamento imprescindível da moral (tal como é entendida em *Du Contrat Social* ou nas *Confessions*), ou da fuga à armadilha do tempo. O episódio do casamento de Julie com o “philosophe Wolmar”, situado estrategicamente a meio do romance (carta 18 da Parte III), privilegia a introdução, no espaço romanesco, da experiência mística pessoal pela evocação da multiplicidade das reações afetivas de Julie ao entrar na igreja,<sup>16</sup> denunciando uma sensibili-

16 “Arrivée à l'église, je sentis en entrant une sorte d'émotion que je n'avais jamais éprouvée. Je ne sais quelle terreur vint saisir mon âme dans ce lieu simple et auguste, tout rempli de la majesté de celui qu'on y sert. Une frayeur soudaine me fit frissonner; tremblante et prête à

dade romântica. Do mesmo modo, a morte de Julie faz parte de um movimento de descentramento, de traços ensaísticos, que desloca o pensamento utópico social para a esfera do pensamento utópico místico, na base do qual se encontra a evolução da escrita autoreflexiva rousseauiana. Torna-se, assim, no âmbito desta lógica, absolutamente necessário substituir uma quimera utópica por outra, isto é, sublimar a artificialidade obsessiva dos círculos comunitários pela moral sensitiva, pela religião natural e mística que envolve a morte libertadora de Julie e que reproduz, de modo expressivo, como se diz nas *Confessions*, a *Profession de foi du vicaire savoyard*, obra genologicamente híbrida, situada, de novo, no intervalo entre a ficção autobiográfica e o tratado filosófico:

*La Nouvelle Héloïse* parut encore avec la même facilité, j'ose dire avec le même applaudissement, et ce qui semble presque incroyable, la profession de foi de cette même Héloïse mourante est exactement la même que celle du Vicaire savoyard. (Rousseau, 2004a: 493).

#### 4. EPÍLOGO

Parece, pois legítimo, olhar este conjunto de intermitências ou experimentações poéticas a que (quase) sempre se chega quando se reflete sobre a infiltração de textos, mundos possíveis e modos de escrita em Jean-Jacques, como um sinal expressivo de uma cadeia constante de olhares oblíquos que projetam metaforicamente Montaigne em Rousseau, a escrita dos *Essais* na dialética interior que caracteriza a escrita epistolar e autobiográfica, o fragmento político na totalidade da utopia ficcional do autor. Ou, dito de outro modo, não será desca-

tomber en défaillance, j'eus peine à me traîner jusqu'au pied de la chaire. Loin de me remettre, je sentis mon trouble augmenter durant la cérémonie, et s'il me laissait apercevoir les objets, c'était pour en être épouvantée." (Rousseau, 1967: 260).



bido conceber a deriva poética a que a escrita espectral de Rousseau conduz, como uma procura inconclusiva, inacabada, da poética, do poético. Nessa medida, os diversos textos do filósofo situam-se epistemologicamente num lugar comum ao da escrita ensaística: o da errância, o das oscilações do movimento e do espaço, o de um inacabamento estrutural (a escrita política que se declina na escrita autobiográfica, esta na escrita ficcional), autorizando um imaginário do “termo ausente” (Langlet, 2005: 183). Ora, não só essa errância é a base formal e ideológica das intermitências de escrita presentes no macro-diálogo instituído e dito na obra de Rousseau, como o seu último texto – *As Réveries du promeneur solitaire* (de publicação póstuma) – cria expressivamente um “silêncio enigmático” (Didier, 2011: 60-61), ao terminar abruptamente com a evocação de um tempo anterior, do tempo de recolhimento passado com “Maman” ou Mme de Warens, após prévia definição formal:

Ces feuilles ne seront proprement qu’un informe journal de mes rêveries. Il y sera beaucoup question de moi parce qu’un solitaire qui réfléchit s’occupe nécessairement beaucoup de lui-même. (Rousseau, 1997: 61).

O “informe journal” das “réveries” de um “solitaire” impõe, assim, na última *Promenade*, o silêncio da escrita, o silêncio do “eu” – “J’ai besoin de me recueillir pour aimer.” (Rousseau, 1997: 177). Mas impõe também a suspensão dos tempos (do tempo interior, do tempo da escrita, do tempo da autobiografia, do tempo do romance), pela fixação da memória no diário íntimo, pelo refúgio crepuscular na solidão, dito na abertura da primeira *Promenade*, quando o tempo parece ser uma quimera (ou um simbólico vestígio da ficção) – “Me voici donc seul sur la terre, n’ayant plus de frère, de prochain, d’ami, de société que moi-même.” (Rousseau, 1997: 55). Nesse sentido, o último texto de Rousseau é a metáfora dessa redenção final do “eu”

ao silêncio, do encontro fundamental do sujeito com uma escrita que se suspende quando se assume como “disforme”, no limite de si mesma e da poética, confundindo-se, assim, de algum modo, com a utopia. Será, então, porventura, nesse *lugar*, que a forma moderna do ensaio, o seu “termo ausente” – ou o “retorno da [sua] mensagem ao poético” (Langlet, 2005: 183) – se (con)funde com os mundos possíveis impossíveis da ficção, em Jean-Jacques e depois de Jean-Jacques.

#### REFERÊNCIAS

- AULLÓN DE HARO, Pedro (1992). *Teoría del Ensayo*. Madrid: Editorial Verbum.
- CHADBOURNE, R. (1983). “A Puzzling Literary Genre: Comparative Views of the Essay”. *Comparative Literature Studies*, 20(2): 133-153.
- DIDIER, Béatrice (2011). “Conjugué à toutes les personnes”. *Le Magazine Littéraire*, décembre: 60-61.
- EIGELDINGER, Marc (2000). *Jean-Jacques Rousseau: univers mythique et coherence*. Neuchâtel: La Braconnière.
- HATZENBERGER, Antoine (2012). *Rousseau et l’utopie. De l’État insulaire aux cosmotopies*. Paris: Honoré Champion.
- LANGLET, Irène (2005). “Marges de l’Essai”, in Philippe Forest e Michelle Szkilnik (eds.), *Théories des Marges Littéraires*. Paris: Éditions Cécile Defaut. 181-196.
- LANGLET, Irène (2016). *L’Abeille et la balance. Penser l’essai*. Paris: Garnier.
- LAVOCAT, Françoise (2016). *Fait et Fiction. Pour une frontière*. Paris: Seuil/Poétique.
- MACÉ, Marielle (2006). *Le temps de l’essai. Histoire d’un genre en France au XXe siècle*. Paris : Belin.
- MONTAIGNE, Michel (1962). *Œuvres Complètes*. Paris: Gallimard, Bibliothèque de la Pléiade.
- PERRIN, Jean-François (2014). *Le Chemin de ronde. Style de l’affect et mémoire dans l’œuvre de Jean-Jacques Rousseau*. Paris: Éditions Hermann.

- RACAULT, Jean-Michel (2003). *Nulle part et ses environs. Voyage aux confins de l'utopie littéraire classique (1657-1802)*. Paris: Presses de l'Université de Paris-Sorbonne.
- ROSSET, François et al. (2002). *L'amour dans La Nouvelle Héloïse. Texte et intertexte*. Genève: Droz.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques (1967). *Julie ou La Nouvelle Héloïse*. Paris: GF Flammarion.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques (1996). *Discours sur l'origine et les fondements de l'inégalité parmi les hommes*. Paris: Le Livre de Poche.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques (1997). *Les Rêveries du Promeneur Solitaire*. Paris: GF Flammarion.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques (2002). *Émile ou de l'Éducation*. Paris: Gallimard.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques (2004a)). *Confessions*. Paris: Gallimard.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques (2004b)). *Du Contrat Social*. Paris: Gallimard.
- STAROBINSKI, Jean (1976). *Jean-Jacques Rousseau: la transparence et l'obstacle*. Paris: Gallimard.
- VERSINI, Laurent (1979). *Le roman épistolaire*. Paris: PUF.
- WAGNER, Nicolas (1996). L'utopie de *La Nouvelle Héloïse*, in *Roman et Lumières au 18e siècle*. Paris: Gallimard. 189-270.

